



SIGNIFICÂNCIA E FELICIDADE.

SISTEMA SIGNIFICATIVO

Sérgio Prazeres

Universidade Nova de Lisboa - CEIL

Resumo

Este artigo aborda a temática da significância e da felicidade das populações, demonstrando como se podem medir os conceitos e indicadores inerentes, com base nas vivências e no imaginário de cada indivíduo, apresentando um modelo concetual para um sistema significativo, que permite, com base numa análise multicritério, representar espacialmente determinados padrões de comportamento das populações, podendo ser uma ferramenta útil aos sistemas de apoio à decisão, como por exemplo, no planeamento das cidades.

Palavras-chave: Significância, Felicidade, Multicritério.

Abstract

This article analyzes the issues of significance and happiness of the people, showing how one can measure the inherent concepts and indicators, based on the experiences and imagination of each individual, with a Conceptual Model for a meaningful system that allows, on the basis multicriteria analysis, spatially represent certain behavior patterns of populations and may be a useful tool for decision support systems, such as the planning of cities.

Key-words: Significance, Happiness, Multicriteria.

Propósito

O que nos move? O que nos faz parar? Respondendo a estas questões *agora*, será que a resposta é igual ao que responderia há alguns anos? Provavelmente não responderia o mesmo. Então o que mudou? Passou a ver mundo de outra forma? A imagem que tinha de uma determinada situação mudou? O que terá influenciado? Serão mensuráveis e espacializáveis os motivos?

Por vezes necessitamos de parar para pensar porque não nos sentimos bem agora. Ouvimos alguém dizer: Eu tenho um emprego fantástico, eu tenho um parceiro(a) fantástico(a), eu tenho um automóvel fantástico e sinto-me infeliz neste momento. Só pelo facto de estarmos a usar o verbo «ter» faz toda a diferença, porque se



ponderarmos sobre este pormenor chegamos à conclusão de que, esse estado de espírito deve-se ao simples facto de não estarmos a ser, isto é, a não sermos nós próprios. Atualmente a grande maioria das populações que vivem em países desenvolvidos, vivem acima das suas possibilidades económicas e fundamentalmente para trabalhar, para pagar e sustentar bens materiais por vezes desnecessários. A pessoa para muitas vezes para pensar no que tem mas, sem isso o que essa pessoa é? É-se alguém quando se tem algo? Ou quando os outros aprovam? Dá-se demasiada importância ao que o outro diz? Vive-se numa sociedade ou comunidade demasiado competitiva que nem dá tempo para olhar para nós mesmos? Como podemos medir e representar este comportamento num mapa e analisar tendências no espaço e no tempo? Será interessante obter uma representação fiel de como as populações se sentem, cruzando estes dados com variáveis e indicadores que possam provocar determinados tipos de comportamentos e estados de espírito.

Neste artigo será apresentada uma ideia para a conceção de um sistema significativo onde a correlação entre variáveis é possível.

No mundo «desenvolvido», onde temos acesso a todo o tipo de sugestão para consumir o que não necessitamos, a pessoa quer sempre mais, e quando não o consegue sente frustração, angústia, ansiedade e ódio por vezes, pelo facto de não conseguir chegar a determinado objetivo que outros conseguiram. Porque emergem estes sentimentos e comportamentos? É certo que as pessoas têm o direito de usufruir dos prazeres da vida, mas quando estamos perante a comparação com o outro, estamos a deixar de ser nós próprios. No mundo atual onde isto acontece? Nas grandes cidades? Nas cidades médias? No mundo rural? Quem está mais perto da sua essência? Quero com isto dizer, onde estão as pessoas mais autênticas e que tomam consciência do que são? Será que são as pessoas que trabalham diretamente com a terra e não se importam do que dizem delas, e somente por esse facto, *produz mais* que um consultor de negócios que trabalha também por objetivos mas num meio mais «agressivo» onde tudo conta, nomeadamente o visual, postura, *know how*, etc... «quem produz mais?», ou colocando a questão de outra forma, «quem é mais feliz?»

Este artigo procura refletir sobre determinadas questões fulcrais como:

- Será que a felicidade ou o bem-estar melhora proporcionalmente com a taxa de crescimento económico?
- Quando e quanto estamos a ser nós próprios?

Quando se discute muito acerca de crescimento económico referenciando o Produto Interno Bruto¹ (PIB), podemos-nos questionar sobre quais os limites para medir o crescimento económico de um país.

¹ GDP – Gross Domestic Product



A problemática aqui evidenciada poderá confrontar o crescimento económico e o bem-estar, Richard Easterlin diz ter encontrado evidências na relação entre o crescimento económico e o bem-estar, medido pela satisfação com a vida em nações desenvolvidas, afirma ainda que o crescimento económico tem, de facto, na maioria dos países, uma associação com aumento da satisfação com a vida. Esta visão não é unânime na comunidade científica, tal como o tema não é fácil de circunscrever.

A solução pode passar por «medir o bem-estar individual e social dos indivíduos», como é enunciado pelo Ministério de Recursos Humanos e Desenvolvimento de Competências do Canadá².

O bem-estar físico, emocional e mesmo espiritual das populações, implica saber como as pessoas se encontram fisicamente e psicologicamente. Dados relativos a doenças e o estado mental das populações são frequentemente noticiados na comunicação social, e são publicadas estatísticas por parte de algumas entidades intervenientes nestes processos. Mas o que é efetivamente medido? A doença ou a saúde? Se nos basearmos em estatísticas de doenças crónicas, será que conseguimos calcular o bem-estar das populações e inclusive a relação com o local onde vivem? Que influência tem o território no bem-estar das populações? Que fatores influenciam o bem-estar das pessoas?

Este artigo procura identificar e perceber que lacunas podem estar associadas à divulgação destes indicadores e desenvolver um modelo que dê resposta a estas questões.

O Legado da Humanidade

Porque todos nós somos mais que professores, investigadores, estudantes, amantes, amigos, doutores, senhores excelentíssimos doutores, etc. Esse legado leva-nos a uma grande viagem até ao momento presente, não a ontem, não ao amanhã, mas ao *Agora*, o momento que efetivamente estamos a viver.

Somos tantas coisas ao longo da vida, que nos esquecemos muitas vezes de quem somos, esquecemo-nos de nos aquietar e sentir a nossa essência. Esquecemo-nos da nossa *significância*. Face ao propósito deste artigo, convém lembrar:

- O que significamos para nós próprios?
- Será que a nossa significância se altera com a envolvente ou envolvência?

² Human Resources and Skills Development Canada: <http://www4.hrsdc.gc.ca/h.4m.2@-eng.jsp>



De seguida, apresenta-se um esquema ilustrativo, da «nossa significação» como pessoas, mas, o significado desta ilustração dependerá da cultura e/ou classe social onde cada indivíduo está inserido.



Se olharmos para as *coisas*, *crenças* e *pessoas* como variáveis, percebemos que estas alteram a significação de algo, são influenciadas pelo tempo, vivências e experiências. Costuma-se dizer: «Só o tempo é capaz de ajudar, entender e valorizar um grande Amor» e, citando o Professor Helder Godinho, «o Amor é um efeito da significação».

Focamo-nos muito no mundo material, mas a própria matéria transcendeu a si mesma criando objetos e mundos não materiais³.

O Índice de Felicidade do Planeta

Tendo em conta o tema deste artigo, é importante fazer referência a um dos maiores projetos a nível mundial, sobre a temática da felicidade, mais concretamente, do cruzamento de variáveis e indicadores tendo como objetivo a representação do Índice de Felicidade do Planeta (HPI)⁴.

A *New Economics Foundation* (*nef*) elaborou esse estudo onde definiu o HPI, onde mede efetivamente o que as pessoas querem, isto é, *felicidade, saúde, amor e riqueza*, numa época em que os governantes têm de decidir acerca do futuro das nações tendo em conta questões económicas. Mas só a componente económica resolverá todos os problemas que estão a surgir um pouco por todo o mundo?

A *nef* defende que se poderá ir além do PIB, criando o HPI, onde são utilizados indicadores que medem por exemplo, «com quantos recursos do planeta as pessoas estão dispostas a serem felizes?» Sabendo que esses recursos são partilhados por todos.

³ POPPER, Karl Raimund & ECCLES, John C. - *O Eu e Seu Cérebro*. Brasília: Ed. UNB, 1995, p. 29.

⁴ HPI - *Happy Planet Index*



O HPI é uma medida do desenvolvimento das comunidades ou países que leva em linha de conta três fatores fundamentais: a «esperança de vida» (saúde), a «satisfação com a vida» (felicidade), e a «pegada ecológica» (ambiente).

Assim a *nef* definiu alguns indicadores como, esperança de vida (Saúde), satisfação com a vida (Felicidade) e pegada ecológica (Ambiente) resultando o índice de felicidade do planeta (HPI).

Na sequência da linha de pensamento dos investigadores da *nef*, Nick Marks, numa das famosas conferências TED, na apresentação do projeto HPI, refere que as pessoas em busca da felicidade, devem manter determinadas atitudes para consigo mesmas, por exemplo, deveriam manter e reforçar as «ligações», manterem-se ligadas. Efetivamente faz falta e as pessoas precisam disso, embora de forma ponderada. As pessoas devem-se manter «ativas», para se livrarem do mau humor, sair e fazer uma caminhada ou ligar o rádio e dançar, por exemplo. Estar *atento* às notícias do mundo, não se isolar. Uma outra forma das pessoas se sentirem bem, é aprendendo sempre, seja em qualquer idade, seja o que for, o que interessa é não parar para não «cair» num sofá numa vida sedentária. Por último a pessoa deveria *dar*, pois fomenta a compaixão pelo outro, e na maioria das vezes faz-nos sentir melhor, «quando é de coração e com intenção», e quando falamos em dar, podem nem ser coisas materiais, Marks até refere uma experiência de uma pessoa dar 100,00€ a outra para gastar, e no final do dia poderíamos mediar o nível de felicidade desse indivíduo. Quanto durará a felicidade de quem recebe o dinheiro?

A Felicidade e a Significância nas tomadas de decisão políticas no planeamento do território

Fazendo a ponte com o território, onde «quase» tudo acontece, e no que respeita ao planeamento e às políticas que se podem aplicar, com base neste tipo de índices apurados, dá-se o exemplo de um estudo efetuado a cerca de 200.000 pessoas no Reino Unido, com base em questões subjetivas, onde foi medido o grau de satisfação dos indivíduos com a vida, cujas questões incidiram em circunstâncias objetivas influenciadas pelas políticas dos governantes, por exemplo, acerca dos serviços de saúde, habitação, educação, rendimento familiar, emprego e crédito bancário. Com estes dados será possível constituir uma equipa de investigação sobre os *drivers* de bem-estar, de forma a cruzar estatísticas e assim avaliar o impacto relativo das várias políticas. Assim, o «Bem-estar», passa a ser a moeda comum para uma nova forma de análise custo-benefício. Isto não substitui os julgamentos e negociações políticas, mas deve articular-se com estas. Os decisores políticos serão capazes de perguntar, por exemplo, «quais foram os impactos relativos no bem-estar, através das medidas tomadas para reduzir o desemprego numa determinada área, ou, que medidas foram tomadas para preservar o meio ambiente? foram tomadas medidas para aumentar a coesão social e aumentar a atividade económica, que impacto tem no bem-estar? têm as medidas de saúde



pública numa cidade sido mais eficazes para aumentar o bem-estar do que em outra cidade?»⁵.

O caso de Somerville – Massachusetts

Somerville é um subúrbio de Boston e tornou-se na primeira cidade nos Estados Unidos da América a medir sistematicamente a felicidade das pessoas. Tal como os líderes da Grã-Bretanha, França e alguns outros lugares do mundo, os responsáveis políticos querem ir além das medidas tradicionais de sucesso, isto é, o crescimento económico, de forma a promoverem *políticas* que produzem mais do que apenas bem-estar material. Daniel Gilbert⁶, um conceituado psicólogo americano, foi o mentor do estudo efetuado em Somerville, que contou com um inquérito à população.

Contemplação do Meio por parte dos cidadãos

A importância do planeamento do território para o bem-estar das populações, e as tomadas de decisão para o planeamento das cidades, têm em conta o que efetivamente os seus habitantes gostam? Fazem com que as pessoas se sintam bem? Apresento alguns fatores que podem ser importantes no ato de se elaborar um plano.



Muito se tem debatido acerca da relação entre PIB e satisfação com a vida. O responsável por esta discussão é o economista americano, Richard Easterlin, que publicou, em 1975, um artigo sobre o tema, onde o «Paradoxo de Easterlin» nasceu.

«As pessoas mais ricas, em qualquer dado momento podem ser mais felizes, mas como todos ficam mais ricos, nem todos ficam mais felizes».

⁵ SEAFORD, Charles – *The Practical Politics of Wellbeing*. London, UK: new economics foundation, 2011, p. 2.

⁶ Professor de Psicologia na Universidade de Harvard

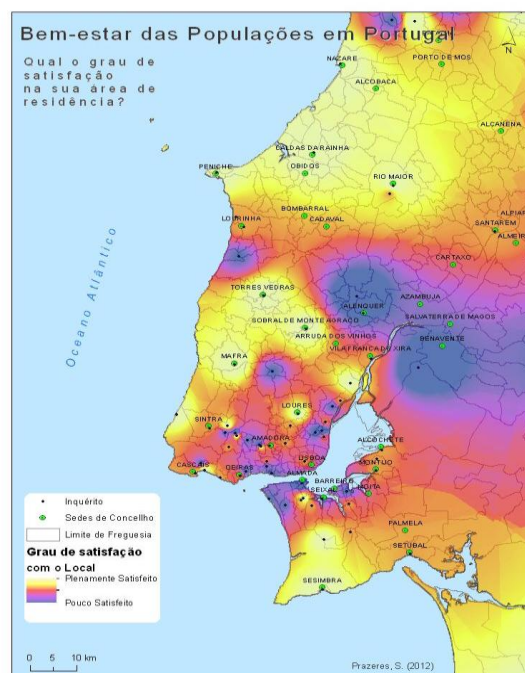


Face a este panorama e às possibilidades de investigação, apresenta-se no próximo ponto a proposta de um sistema significativo, que poderá culminar numa bateria de resultados essenciais a diversas áreas científicas ou mesmo a governantes.

O Sistema Significativo e a criação das imagens

Na sequência de uma primeira abordagem, ainda que muito superficial, efetuada com dados resultantes de um inquérito medindo o bem-estar das populações em Portugal, na escolha do tipo de variáveis a integrar esse sistema, o «imaginário» abre o espectro de hipóteses. Permite assim ponderarmos sobre o que efetivamente altera o nosso estado de consciência, se estamos felizes neste momento ou até o simples facto de identificarmos o que nos fez menos felizes no passado.

O desafio apresentado neste artigo, tem como objetivo o desenvolvimento e construção de um sistema, que possa responder de certa forma, a determinado tipo de questões já referidas e, fazendo a ponte com o imaginário, podemos-nos questionar:



- Que tipo de imagens são geradas por cada um de nós?
- Que tipo de imagens gera determinada emoção?
- Como classificamos essas imagens?

Análise Multicritério

A análise multicritério é uma técnica de análise, que utiliza diversas variáveis para chegar a um resultado ou a um padrão. Recorre à atribuição de valores (pesos) às variáveis que integram um determinado sistema. Como exemplo, num estudo elaborado na Austrália denominado *Australians Priorities, Satisfactions & Well-being: Methodological Issues*⁷, onde se «atribuíram valores, isto é, uma significância». Este tipo de ponderação a ser introduzido num sistema, permite correlacionar essas variáveis entre si. Este exemplo do estudo australiano, atribui valores ao facto da pessoa ter mudado para uma casa melhor ou uma casa pior que

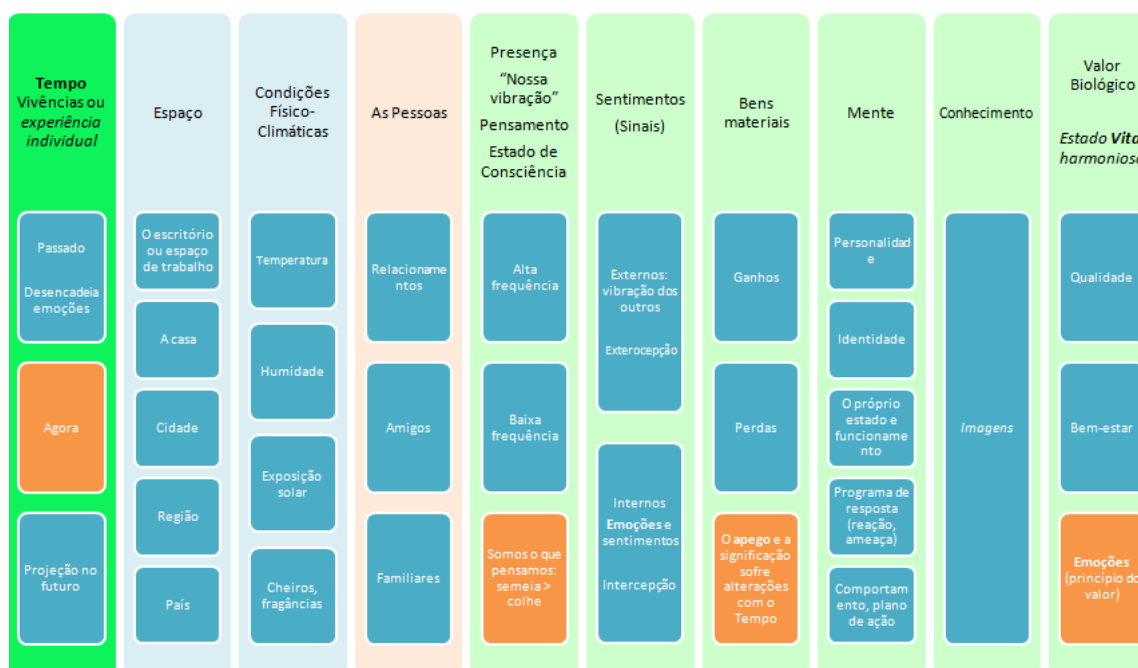
⁷ HEADEY, Bruce et al, - *Australians' priorities satisfactions & well being: methodological issues*, University of Melbourne, Dept. of Community Welfare Services: Parkville Vic., 1982.



a anterior e, o que isso significa para a pessoa. O mesmo acontece com a ponderação dada ao fato de uma pessoa adquirir ou perder um animal de estimação. Obviamente que este tipo de ponderação terá de ter um fundamento, e terá uma significância diferente tendo em conta o enquadramento cultural ou a classe social onde for realizado o estudo.

Sistema Significativo

São assim apresentadas 10 variáveis. As primeiras 4, o Tempo, o Espaço, as Condições físico-climáticas e as Pessoas são mais fáceis de obter devido à sua relação com o mundo 1 de Popper, o «mundo físico», embora nestas variáveis sejam identificadas partes dos mundos dos «sentimentos» e do «conhecimento», mundo 2 e 3 respetivamente, como será explicado neste artigo. As últimas 6 variáveis remetem-nos aos mundos não materiais, os mundos subjetivo e objetivo, onde são contemplados a Presença, os Sentimentos, os Bens Materiais, a Mente, o Conhecimento e o Valor Biológico. O esquema seguinte representa essas variáveis e alguns parâmetros e critérios de medição.



Se considerarmos estas variáveis num sistema onde as podemos correlacionar, começaria pelo «Tempo», dando importâncias diferentes ao passado, presente e futuro. O passado terá a ver com as nossas vivências e experiências individuais, o que desencadeia emoções.

No «Agora», o indivíduo ao soltar uma emoção induz sentimentos emocionais, tal como refere Damásio, enquanto as emoções são ações acompanhadas por ideias e modos de pensar, os sentimentos emocionais são sobretudo percepções daquilo que



o nosso corpo faz durante a emoção, a par das percepções do estado da nossa mente durante o mesmo período de tempo.

Quanto ao futuro, também pode desencadear emoções, nomeadamente se a projeção de algo no futuro for uma constante, provocando ansiedade e mau estar se essas projeções vierem a ser goradas. O recurso ao passado e ao futuro, gera pensamentos, isto é, «o que não corresponde ao agora são memórias ou antecipações»⁸.

A componente espacial, de grande relevância no comportamento das pessoas, com a inserção do «Espaço» onde vivemos, trabalhamos ou frequentamos. Este assume uma enorme preponderância nas nossas vidas, além da significação que pode ter para o indivíduo, enaltece a identidade que este tem pelo local, formando os inevitáveis grupos. Daí depararmo-nos com expressões como, «não me identifico com este local», ou, «este local tem tudo a ver comigo». Esta variável pode ser medida em várias escalas, desde o país, região, cidade, casa ou mesmo escritório/espço de trabalho. Dependendo da «aceitação» desses mesmos locais, podem ser espoletados diversas emoções e sentimentos, de tristeza ou alegria, consoante o alinhamento com esses mesmos locais. É uma medida interessante de se fazer.

As «condições físico-climáticas» afetam o estado de espírito das populações e interferem com os sentidos de cada um, variáveis como a temperatura, índices de humidade e exposição solar. Existem pessoas que se adaptam melhor a climas frios, outras mais tolerantes a climas quentes e húmidos. Outras condicionantes são os cheiros e fragâncias, que despertam e desencadeiam emoções, resgatando por vezes memórias de locais ou acontecimentos passados. Esta sensibilidade ao exterior, é denominada de exteroceção, como refere Damásio⁹ e será referido mais à frente.

As «Pessoas», seres com quem nos relacionamos diariamente, seja a nível amoroso, amizade, trabalho e familiar. Podemos formular questões no sentido de sabermos «com que tipo de pessoas nos relacionamos nas várias esferas», ou «que tipo de pessoas procuramos».

Passemos às variáveis que não dizem respeito diretamente ao mundo físico (real), começando pela «Presença», e como já foi referido a exteroceção, que remete à sensibilidade ao exterior incluindo assim o olfato, paladar, audição, visão, tato e «vibração» (Damásio). Neste contexto enaltece-se a referência à vibração, até porque somos seres sensíveis às altas frequências e baixas frequências, embora a

⁸ TOLLE, Eckhart – *Um Novo Mundo – Despertar para a Essência da Vida*. Lisboa: Tradução e edição portuguesa, Edições Pergaminho, 2009.

⁹ DAMÁSIO, António - *O Livro da Consciência – A Construção do Cérebro Consciente*: Círculo de Leitores, 2010.



maioria não tenha conhecimento ou consciência desse facto, mas somos afetados por isso.

Recordando o Professor Bracinha Vieira, dizendo que a sessão que conduzia poderia ser gravada, mas não era a mesma coisa, o orador/professor emite sons, fala, gesticula, tem sensações, interage com o público, promovendo a «troca de energias». Quando deixa de haver essa troca, o público desliga a sua atenção e agita-se, emite sons ou perde o interesse. «E isso é a nossa presença». Ao «vivo», a transmissão de conhecimento é diferente, a expressividade faz com que haja riqueza e incremento na informação que passa.

Na *presença*, não nos podemos esquecer da importância do pensamento ou do estado de consciência, se somos o que pensamos, é pertinente tomar atenção ao conteúdo do pensamento. E quando nos sentimos na nossa presença? Será que as pessoas fazem esse exercício? Dando o exemplo da respiração, muitas vezes esquecida e, citando Eckhart Tolle, estarmos atentos à nossa respiração afasta a nossa atenção do pensamento e cria espaço, é uma forma de gerar consciência.

«Uma respiração consciente é o suficiente para criar algum espaço onde anteriormente existia uma sucessão ininterrupta de pensamentos, ou na sequência desta narrativa, uma sucessão ininterrupta de criação de imagens que alteram o nosso estado de presença».

Os «sentimentos», referem-se aos sinais do nosso corpo, sendo eles externos ou internos. Mais uma vez a presença dos sentidos. Damásio refere-se a estes sentimentos como «interoceção» e «exteroceção». A interoceção, é relativa às sensações do interior do organismo, como as emoções e os sentimentos. A exteroceção refere-se à sensibilidade ao exterior, como já foi referido na explicação da presença, nomeadamente a nossa reação à vibração do mundo exterior, seja físico ou não. Damásio refere que os sentimentos emocionais, descendentes das emoções, dão cor à nossa vida desde o nascimento até à morte.

Salientando as «emoções», e o que podem provocar nas nossas vidas, daí a importância destacada neste trabalho onde a felicidade e significância são o foco, e também tendo em conta a proposta do sistema significativo, questionamo-nos acerca das variáveis que alteram e desencadeiam as emoções, e sobre o que as motivam. Só o tema emoções dará um artigo. Damásio, refere-se aos «drives» e às motivações como sendo os constituintes mais simples da emoção. É por isso que a «felicidade» ou a «tristeza» alteram o estado desses «drives» e motivações, alterando de imediato os nossos apetites e desejos.

Embora houvesse muito a dizer acerca das emoções, é de todo necessário referir a identificação que é feita no *Livro da Consciência*, aos *grupos de emoções*, assim, além das emoções universais, existem dois grupos, as «emoções de fundo» – entusiasmo e desencorajamento, e as «emoções sociais» – compaixão, embaraço, vergonha, culpa, desprezo, ciúme, inveja, orgulho, admiração. E sendo os



sentimentos de emoção um dos seus produtos, Damásio refere ainda que estes são percepções compostas por:

- Um estado corporal específico, durante uma emoção real ou simulada;
- Um estado de recursos cognitivos alterados e evocação de certas ideias. Na nossa mente, estas percepções estão ligadas ao objeto que as provocou.

E é a partir deste ponto, do objeto, que os *Bens Materiais* assumem grande relevância neste sistema. Afinal o que temos nós? Tolle, refere muitas vezes, que na sociedade atual comportamo-nos como «*teres vivos em vez de seres vivos*», por isso o impacto dos supostos bens seja tão grande. Como as pessoas reagem à perda ou aos ganhos? Qual a importância disso? É mensurável a significação das coisas, crenças ou pessoas? Podemos assim medir a nossa significação?

Aqui o tempo assume mais uma vez um papel preponderante, alterando o nível de apego e de significação de tudo o que nos rodeia, à medida que passa. E é possível medir o apego.

A *Mente*, outra variável a considerar neste sistema complexo, que é afetada por todas as outras variáveis, logo facilmente correlacionável. E tal como refere Damásio, «a nossa mente está equipada com personalidade e identidade». Destaca também a importância do próprio estado e funcionamento da mente, e do programa de resposta, no que respeita à reação a estímulos do exterior que mexem com as pessoas, por exemplo quando se sentem ameaçadas por algo. E atenção que uma ameaça para uma pessoa não significa que seja ameaça para outra. A esse programa de resposta segue-se o comportamento, ou o plano de ação como refere o autor. É um componente a considerar.

O «Conhecimento» na ótica da construção de imagens, torna-se numa variável interessante de analisar. Podemos questionar-nos que tipo de imagens compõem o conhecimento, e como cada indivíduo arquiva e transmite essas imagens.

Por fim, o «Valor Biológico», ou o valor que damos a tudo o que nos rodeia, alimento, habitações, ouro, joias, pinturas, ações, serviços e até mesmo pessoas, logo fortemente correlacionável com todas as outras variáveis do sistema. E mais uma vez, citando Damásio, «para quê esta valorização incessante e quais os critérios com que calculamos esse valor». Para o autor, o conceito de valor é essencial para o nosso entendimento da evolução do cérebro, do desenvolvimento cerebral e da atividade cerebral que ocorre a cada momento. Referindo-se ainda ao valor biológico como estado «vital» harmonioso, há a salientar os parâmetros da qualidade e do bem-estar, fortemente correlacionáveis com os índices de felicidade. Mais uma vez podemos interseitar aqui com a temática das emoções, que segundo Damásio é o princípio do valor.

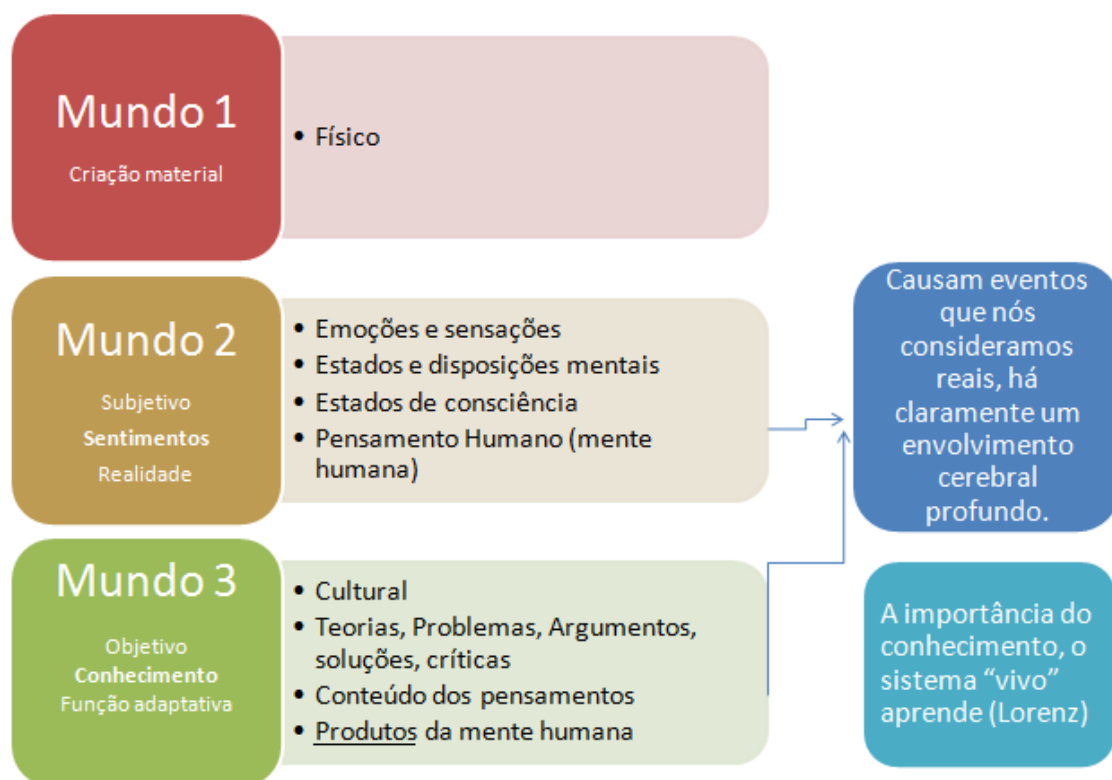
Como foi referido o estado vital, e a afetação do sistema imunitário, não podemos descurar a importância dos estímulos externos e internos, já referidos



anteriormente, «geradores de medo e amor, logo produzem eco no nosso sistema imunitário». Por exemplo, o receio ou medo torna-se agente de stresse, e com o tempo, o stresse destrói a vida, tanto mental como fisicamente. Tal estado tem consequências negativas.

Este sistema só foi possível ser desenhado recorrendo à interpretação dos mundos de Karl Popper, representado na figura seguinte:

Mundos de Karl Popper



Notas finais

Para que este modelo seja colocado em prática torna-se necessário elaborar um plano estratégico para aferir as variáveis a integrar o sistema. O grande desafio está associado à aquisição dos dados, para este tipo de análise. Assim, é premente o desenho de um inquérito, a realizar junto de uma amostragem significativa da população, seja numa região ou numa cidade, dependendo do objetivo do estudo.